

Roberto Rillo Bísaro

O CHOQUE DOS MUNDOS

OU

UMA LEITURA MATERIALISTA DA PEÇA

AND THINGS THAT GO BUMP IN THE

NIGHT, DE TERRENCE McNALLY

Tese apresentada ao Departamento de Letras Modernas na área de Estudos Lingüísticos e Literários em Inglês da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como um dos requisitos para a obtenção do grau de doutor em Letras sob a orientação da Profa. Dra. Maria Silvia Betti.

São Paulo

2006

AGRADECIMENTOS

A qualidade pretendida deste trabalho certamente não seria possível se eu não pudesse ter contado com a sorte da presença das seguintes pessoas:

Minha mãe, a Dona Néia, que durante os anos todos de viagens a São Paulo, leituras e redação desta tese, teve em casa um filho muita vezes “ausente”, imerso que estava na concepção deste texto.

Minha orientadora, a Profª. Maria Sílvia Betti, que também teve que lidar com um orientando “ausente”; presente no mais das vezes via correspondência eletrônica. Agradeço a grande liberdade dada durante o período de pesquisa e redação e, sobretudo, a leitura minuciosa e aos comentários certos que colocaram este trabalho no devido eixo.

Peter Van Derick, amigo ausente fisicamente, mas que se faz presente desde meu mestrado como perene fonte de informações, interesse, entusiasmo e estímulo com relação à minha pesquisa. Foi ele quem primeiro me apresentou a obra de Terrence McNally. Que mais precisa ser dito?!

Jayme Monteiro Jr, amigo de tantos anos, o qual, com infinita boa vontade, proporciona-me hospedagem, favores, muito bom papo e companhia.

A Profª. Maria Eliza Cevasco, que com sua disciplina sobre o método crítico de Fredric Jameson, abriu perspectivas – e, talvez mais importante, fez germinar uma série de dúvidas - que acabaram servindo de norte para meu trabalho.

O Prof. José Carlos Sebe Bom Meihy, tão atento e generoso para compartilhar material e informações quanto rigoroso nas críticas e comentários.

RESUMO

Este trabalho é um estudo da peça *And Things that Go Bump in the Night*, escrita pelo norte-americano Terrence McNally na primeira metade da década de sessenta. À luz do materialismo cultural, estabeleço as relações entre a forma e o tema da obra com as condições de possibilidade históricas existentes na época de sua escrita. A conclusão geral a que chega este trabalho é a de que o choque de coisas aludido no título é o choque entre um estágio do modo de produção capitalista que chegava ao fim e outro que se iniciava então. Em nível mais específico, demonstro que na peça de McNally já podemos detectar os rumos que os movimentos sociais tomaram – mormente o Movimento Gay – a partir da década de sessenta, como consequência da própria necessidade de expansão do capital.

PALAVRAS-CHAVE: dramaturgia norte-americana contemporânea, Terrence McNally, Movimento Gay, Anos sessenta, Crítica Literária Materialista.

ABSTRACT

This is a study of the play *And Things that Go Bump in the Night*, by American playwright Terrence McNally, written in the first half of the 1960's. Using cultural materialism as my theoretical basis, I try to establish the connection between forms and themes found in the play to the historical conditions by the time the play was written. My conclusion is that the “bump” alluded to in the title of the play is the result of the turmoil produced by the shift from a stage of capitalism to a new stage of this mode of production. More specifically, I will show that in McNally's work one can already detect the directions followed by the social movements of the 1960's – especially the Gay Movement – as a consequence of the very need for the expansion of capital.

KEYWORDS: contemporary American dramaturgy, Terrence McNally, Gay Movement, The Sixties, Materialist Literary Criticism.

Introdução.....	5
O Choque dos Mundos ou Uma Leitura Materialista da Peça <i>And Things that Go Bump in the Night</i> , de Terrence McNally...12	
<i>Conclusão</i>	168
<i>Anexo</i>	176
<i>Referência Bibliográficas</i>	185

INTRODUÇÃO

Entre 1999 e 2002, período em que escrevi minha dissertação de mestrado, entrei em contato não apenas com a obra do dramaturgo norte-americano Terrence McNally, mas também com muito do debate a respeito de homossexualidade, “identidade” gay, AIDS e toda uma gama de assuntos correlatos. Minha dissertação foi sobre a inversão de estereótipos gays usados na peça *Lips Together, Teeth Apart* (1991). Nela, o dramaturgo constrói personagens heterossexuais que apresentam diversos estereótipos utilizados desde muito na criação de personagens gays. Este recurso na composição das personagens nos permite uma leitura da obra que nos leva à conclusão de que o chamado “problema da homossexualidade” não está nela, mas sim na forma como é encarada pelo meio social. O uso de estereótipos gays em heterossexuais também ressalta o que pode haver em comum entre homo e heterossexuais, não insistindo numa suposta “identidade gay”, o que, aliás, estaria tão ao gosto de boa parcela do *establishment* intelectual e acadêmico norte-americano contemporâneo, tão afeito aos estudos identitários, minoritários e afins.

Em meu doutorado decidi continuar estudando a obra de McNally. De início, pensei em novamente abordar alguma questão que fosse essencialmente relacionada à homossexualidade para verticalizar e dialetizar alguns dos pontos levantados durante as inúmeras leituras do período de mestrado. Primeiramente, decidi tomar um conjunto de várias peças e nelas observar como McNally se utilizava dos estereótipos comumente atribuídos aos gays, a fim de poder detectar no percurso de sua obra quais os avanços e retrocessos que nela podiam ser observados com relação à representação das personagens gays. Chegado o momento do exame de qualificação, entretanto, a banca examinadora verificou algo que eu inconscientemente já percebera, mas que não havia ainda alcançado a superfície da consciência. Após um capítulo inicial algo extenso o qual versava sobre homossexualidade, estereotipação, o uso de estereótipos gays no teatro e outros assuntos correlatos, apresentei uma análise provisória da primeira peça que constituiria meu *corpus*: *And Things that Go Bump in the Night* (1965). Nessa amostra de análise, dediquei meras cinco páginas ao tema da estereotipação! Ou seja, o material que tinha nas mãos e o meu trajeto de leituras e reflexões me impeliavam a discutir outra coisa muito mais profunda e mais geral do que aquilo a que me propusera de início.

Naquela amostra de análise para a banca tentei demonstrar qual contradição social McNally tentava resolver simbolicamente através de sua peça (voltarei a isso mais adiante). Em minha mente insistiam em permanecer duas coisas que havia lido recentemente. Uma delas era a afirmação de Fredric Jameson de que em nosso tipo de sociedade atual observa-se um esforço enorme para que nos esqueçamos de que os anos sessenta foram “*apaixonadamente políticos*”. Imediatamente a seguir, e referindo-se ao teatro, o ensaísta afirma que até mesmo os encenadores mais estetizantes do período acreditavam “*que a produção teatral era um tipo de práxis*” que podia trazer contribuições para a vida de forma geral¹. A outra coisa que eu não queria esquecer era a afirmação de Howard Stein, presente em uma coletânea de ensaios sobre a obra de McNally. Em texto sobre suas primeiras peças, Stein afirma que em *And Things that Go Bump in the Night* as preocupações do dramaturgo texano são “*metafísicas e não físicas*”². Entretanto a obra apresenta um grupo de personagens atemorizados por uma misteriosa coisa que ceifa a vida de milhões, e é a postura que assumem perante ela que determinará seu destino final. Além disso, uma das personagens é um jovem que participa de passeatas políticas, uma outra está a escrever uma Crônica que pretende registrar como era o passado daquela gente. Mesmo as personagens que parecem mais “alienadas” em determinado momento demonstram ter consciência de por que vivem aquela situação de asfixia e terror paralisante. Nada disso me parecia metafísico. Muito pelo contrário. De início percebi que a asserção de Stein cumpria precisamente o papel de desarmar politicamente a peça de McNally (não me interessa aqui cogitar sobre a intencionalidade ideológica ou não disso). Parecia-me, portanto, que uma análise da peça que não trouxesse à superfície o seu caráter de *práxis* política jogaria outra pá de cal na montanha de descartes e esquecimentos propositais que se vêm acumulando desde meados do século XX nas mais diversas áreas do pensamento e da produção artística, mormente quando representam algum potencial de transformação das estruturas sociais capitalistas vigentes.

Também não acreditava conveniente focar minha análise apenas e tão somente nas questões pertinentes às possíveis discussões sobre temas gays que a peça enseja.

¹ JAMESON, Fredric. *A cultura do dinheiro: ensaios sobre a globalização*. Seleção e prefácio de Maria Elisa Cevasco. Tradução Maria Elisa Cevasco e Marcos César de Paula Soares. 3ª. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 75.

² STEIN, Howard. *The early plays of Terrence McNally*. In ZINMAN, Toby Silverman (ed.). *Terrence McNally: a casebook*. New York and London: Garland, 1997. p.19.

Obviamente que os problemas inerentes à homossexualidade e as soluções encontradas pelos gays para combatê-los conteriam, por si mesmos, os dilemas e contradições em escala mais geral. Dito de outro modo, a maneira como a sociedade em geral percebia os gays e os meios que estes encontraram para tentar debelar a homofobia podem nos dizer não apenas em que estágio o capitalismo se encontrava na época de produção da peça, como também nos esclarecer os caminhos e descaminhos que a sociedade de forma geral seguiu após os anos sessenta, se analisarmos o que aconteceu com o movimento gay. Desse modo, uma análise que enfatizasse apenas e tão somente os temas gays poderia me conduzir a algum entendimento da situação. Colocava-se-me entretanto, um perigo o qual temia sobremaneira. Atualmente, na chamada “pós-modernidade”, é prevalente a retórica de que vivemos em um mundo esquizofrênico, composto de múltiplas e cambiáveis “identidades”. É um mundo, portanto, altamente fragmentado, no qual os mais diversos grupos lutam para afirmar sua existência numa batalha constante pela obtenção de direitos e reconhecimento. Como afirmarei nesta tese, esse estado de coisas é parte de uma herança que se torna explícita no movimento pelos direitos civis dos anos sessenta, mas que já vinha sendo contruída desde pelo menos os anos trinta. Desse modo, meu receio era que se enfocasse apenas e tão somente assuntos relacionados aos gays eu estivesse precisamente reproduzindo essa fragmentação. Mesmo que o movimento gay fosse em escala menor o que se processava em escala maior, eu me propunha a fazer alusões a essa macro-escala o mais possível até porque sem isso se perderia a noção de que o que aconteceu no movimento gay foi parte de um processo geral.

Também me interessava destacar tanto quanto me fosse possível, quais os descartes que ocorreram, nos mais diversos níveis e áreas que minha análise pudesse investigar, e que contribuem para essa tentativa de despolitização não apenas dos anos sessenta, mas de todo um período que precedeu os anos cinqüenta. Tais descartes também contribuem para o reforço da fragmentação e da descrença pós-moderna na militância política realmente transformadora e não apenas focada em pequenas mudanças que em última análise não oferecem perigo à ordem vigente, mas antes, acabam por reproduzir dentro de cada grupo as mesmas exclusões às quais esses próprios grupos estão sujeitos em relação à sociedade como um todo.

Finalmente, e isso era o mais importante!, cabia-me e interessava-me perceber esses caminhos e descaminhos citados acima no próprio texto da peça – tanto com relação aos temas abordados, quanto com relação a sua forma mesma -, porque não há

como não estarem presentes nele. É impossível que não estejam porque, como nos ensinou Adorno, a forma da obra de arte é conteúdo social precipitado. Desse modo, a análise de uma obra literária nos permitirá perceber com clareza a ideologia dominante do período ao mesmo tempo que nos permite constatar quais forças atuam contra essa corrente e quais a reforçam. Como escreveu Fredric Jameson, falando sobre poesia, em seu seminal ensaio, *Periodizing the 60's*:

*Obviamente, não há razão porque fenômenos especializados e de elite, como a escrita de poemas, não possam revelar padrões e tendências históricas tão vividamente como a “vida real” – ou talvez até mais visivelmente, no seu isolamento e semi-autonomia, que se aproxima de uma situação de laboratório.*³

Creio que um texto dramaturgico seja *locus* ainda mais apropriado para tal empreita, uma vez que sua recepção é muito mais explícita do que a de textos líricos. Aliás, a recepção de *And Things that Go Bump in the Night* é de assaz importância para se compreender a sua dimensão como ferramenta transgressora, apesar de suas limitações.

Apesar de não querer transformar minha tese em texto que se resumisse a discutir uma possível luta pela afirmação identitária gay, o conjunto da obra do dramaturgo estudado chama a atenção e direciona o foco de análise para o papel do gay na sociedade contemporânea. Destarte, não poderia – nem queria – fugir do assunto. O que resultou foi um texto que prioriza os aspectos relacionados à questão homossexual, mas que em sua dimensão final alcança um nível mais geral de entendimento do período histórico em que a obra foi produzida para constatar que essa questão homossexual nele veiculada foi resolvida a partir da necessidade histórica que se configurava àquela altura do modo de produção vigente. Ou seja, o que aconteceu às personagens da peça e ao movimento gay em geral foi parte de um processo gigantesco que acontecia por toda parte.

Creio ter ficado patente que a ferramenta analítica que utilizei para a exegese de *And Things that go Bump in the Night* foi o materialismo cultural, nomenclatura criada

³ JAMESON, Fredric. *Periodizing the 60's*. In *The ideologies of theory: essays 1971-1986 – volume 2: the syntax of history*. Theory and History of Literature, Volume 49. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1984. p. 179.

nos anos 70 por Raymond Williams. Investigando as condições históricas que impõem que as criações textuais sejam do jeito que são, os materialistas culturais

*debruçam-se sobre questões a respeito das relações entre culturas dominantes e subordinadas, das implicações do racismo, sexismo e homofobia, do campo para resistência subalterna e das estratégias pelas quais o sistema pode tender a assimilar ou repelir diversos tipos de dissidência*⁴.

Mantendo sempre isso em mente tentei jamais analisar as questões gays suscitadas pelo texto sem ter como chão a própria História, até porque, como veremos, a própria peça assim determina que o seja. Procurei detectar como o desenvolvimento do movimento gay norte-americano está inscrito na obra, sempre relacionando-o a um contexto “maior”, que é a própria evolução do capitalismo. O mesmo fiz com a análise dos recursos formais utilizados por McNally e o próprio desenvolvimento das personagens e suas ações. Do mesmo modo, detectei como o movimento gay e a peça em si assimilam elementos do próprio sistema que em princípio tentam combater.

É evidente que a detecção desses elementos em uma obra literária é impossível se não mantivermos os pés firmes no chão proporcionado pela História a fim de que entendamos as condições de possibilidade que propiciaram o surgimento daquela. Essa tarefa, entretanto, se complica porque o que está aparente na obra quase nunca é o que realmente importa se quisermos proceder a estudos realmente conseqüentes que nos possibilitem descer aos recônditos mais ulteriores do texto literário.

Por esse motivo, minha leitura da peça foi pautada pela noção jamesoniana de literatura como ato socialmente simbólico⁵. Segundo o teórico marxista norte-americano, a literatura tenta resolver simbolicamente alguma contradição engendrada pelas relações de produção verificadas no período histórico em que foi produzida. Essa contradição, via de regra, encontra-se “escondida” na obra, soterrada por elementos que nela estão para nos fazer desviar o olhar do que realmente importa. Isso não significa que Terrence McNally tenha propositalmente enchido sua peça de peripécias e subterfúgios deliberadamente com o intuito de mistificar o leitor/espectador. Não. O

⁴ SINFIELD, Alan. *Gay and after*. London and New York: Serpent's Tail, 1998. p.147.

⁵ O leitor que desejar conhecer a fundo a teoria de Jameson sobre a narrativa como ato socialmente simbólico não pode deixar de ler JAMESON, Fredric. *O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico*. Tradução Valter Lellis Siqueira. Revisão da tradução Maria Elisa Cevasco. São Paulo: Ática, 1992.

autor não necessariamente precisa ter consciência de que tem uma contradição social para resolver quando se senta para escrever uma obra qualquer. Essa contradição impõe-se a ele – e a todos nós - porque é a fonte primeva das insatisfações, instabilidades e inquietudes que assombram o momento histórico de produção da obra em questão, estando, portanto, presentes na vida de todos de um modo ou de outro.

A tarefa do crítico que se utiliza dessa modalidade hermenêutica é precisamente encontrar qual é a contradição que necessitava ser simbolicamente resolvida e, além disso, destacar como a obra tenta resolvê-la. Entretanto a tarefa não pára por aí. Há que se detectar quais elementos da obra corroboram a ideologia dominante e quais são aqueles que a combatem. O que segue é minha tentativa de realizar tudo isso.

Antes de passar à análise propriamente dita, cabe aqui uma palavra a respeito do modo como escolhi estruturar meu texto. Optei por não dividi-lo em capítulos ou mesmo em sub-itens. Também não separei os diversos elementos que compõem o corpo de um texto teatral – enredo, personagens, cenário, etc. -, dedicando-lhes momentos separados para análise. Esta segue um *continuum* ininterrupto no qual entremeio paradas na análise da peça com referências a situações históricas e/ou discussões de cunho teórico sempre que estas se façam necessárias. Uma de minhas conclusões será que o processo de fragmentação que se acentua à medida que o modo de produção capitalista segue seu curso é um elemento determinante que provoca a incapacidade das personagens de se salvarem da situação terrível em que se encontram - ou de pelo menos lutarem contra. Acredito que, se dividisse a análise em elementos separados, estaria caindo na mesma armadilha perpetrada por essa tendência fragmentadora. Além disso, todos os elementos citados em análises de textos dramáticos – personagens, espaço, diálogos, etc - encontram-se intrincados no texto, constituindo a sua própria unidade. Quebrar essa unidade seria fragmentá-la, reproduzindo o processo de fragmentação prevalente na sociedade contemporânea. Tal processo impede a percepção do todo e por vezes obstrui o estabelecimento de relações conseqüentes não apenas entre os elementos dentro do tecido da obra, mas também – o que é mais grave – entre os dados e condições de possibilidade existentes no momento histórico em que a obra foi concebida.

Reconheço, todavia, que não pude evitar seguir a velha ordem racional burguesa e, por isto mesmo, minha interpretação de *And Things that Go Bump in the Night* segue a peça algo linearmente cena a cena, com ocasionais saltos para frente e para trás conforme exija minha linha de raciocínio. Não creio que essa tomada do caminho do

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

